

No fendo do padre Leonardo

Mais provas da santidade do padre Jaboticabeira — Ameaças de violencias e perseguições — Reboição entre os graúdos e a carolada — Remoção de Bragança do d. Leonardo Jaboticabeira

17 — 1 — 911 — Oh! Que medo, Santo Diabo! Já me não atrevo a sahir á rua a procura dum humorismo qualquer que me prenda, que me embeveça, que me suggestionem enfim, para arrancar-me o medo de tantas ciladas, de tantos attentados e de tantas ameaças, urdidas, planejadas e concertadas entre os coronéis da briosa jesuitada. Tenho um monte de cartas anonymas em que avisam, que me aconselham toda aprecaução e mesmo neste momento acabo de receber um recado que é o seguinte: "o José, o Felício Fagundes disse numa venda que os Lemes juraram te mandar assassinar, por isso te aviso: ande precavido."

Nisto remexo toda a minha intellectualidade cançada pelos excessos de planos e meditações de defesa até que resolvi fazer o meu testamento e deixar correr trinta dias por um mez.

Obedeço á paixão pelo saneamento moral, como Galileu obedecia á paixão pela sciencia, Dante á pelo amor e John Brown á pela justiça e pela emancipação.

O suineiro padre Leonardo, innocente e virgem, cheio de virtudes que, horrorizam o espirito mais indifferente, no auge da sua extrema bondade chegou a suggestionar uma senhora casada, que chegou a apresentar symptoms de alienação mental, e não cançava de dizer a todo o mundo que se queria casar com o revmo. tonsurado. E ao retroceder pelo caminho da sua santa bondade encontrou uma outra que lhe revelou baixinho aos ouvidos estas palavras: choro, soluço, palpite e suspiro só por v. revma. Caminhando pela vereda das ameixas, digo das jaboticabeiras, encontrou uma Santa que se prostrou a seus pés e lhe disse: "quero ser discreta entre os braços de v. revma. e enchel o de obsequios que já n'ho posso coi tel os em mim."

E o nosso virtuoso Santo Leonardo estende os braços dotados de todas as virtudes, compassivo e cheio de amabilidade, ruminando um latinorio lhe diz: *Lux mea! qua viva vivere dulce mihi est.* Saltando depois o muro o nosso virtuoso Chora Vintem caminha a passos cadenciados como um d. Juan ebrio de amor e de paixão pela vereda do divino templo de Deus, onde ás 3 horas da manhã uma mãe de 8 filhos o esperava para receber a sua particula de bondade extrema, e abrindo a porta lateral desapareceram os dois amantes fechando a porta a sete chaves, protegidos pelas trevas da noite, o que não impediu que uma senhora, chamada ao serviço de um parto, os visse.

A fama de santo e virtuoso corre entre as mulheres que em voz baixa se communicam até que chegam aos ouvidos de Marozia e esta já saudosa procura um revmo. que a console, e faça-lhe reviver os dias da sua felicidade.

Corre noticia que no proximo domingo haverá uma grande reunião de fazendeiros para boicotarem a Liga Operaria, lançando mão de todos os recursos para combatel-a. Se tal causa fizerem a luta será contra si proprio e a Liga nada tem a temer porque ella é a fonte productiva, e se não encontrar trabalho aqui o encontrará nos municipios vizinhos.

Esperemos pelos acontecimentos.
JOSEPH JUBERT.

10 — 11 — 911

Devido aos seus escriptos referentes a esta succursal do Vaticano, a Lanterna tem feito a carolada pôr-se em actividade: as

religiosas, commiseradamente, de olhos levantados ao céu, supplicam ao poderoso filho da Mãe-virgem (...) conservar entre ellas os santos padres, mas parece-nos que elles se vão embora por determinação de autoridade superior.

Andaram algumas penitentes, viuvas e outras que desfructam a tolerancia dos maridos, empenhando-se com os *topetudos borracheiros* para que estes conseguissem a não retirada dos tonsurados, chegando mesmo certo conhecido «terrorista», executor e mandante de todos es crimes de que se compõe a triste historia desta cidade-colonia, ir até essa numa commissão, para tratar desse negocio.

Uns dizem que os felizardos venerados pelas assiduas frequentadoras da... igreja retiram-se daqui envergonhados (!!!) devido ás *calumnias* publicadas pela Lanterna; todavia, o que é mais acertado é que elles se retiram para impedir que correspondentes que têm parte com o Diabo, contem ao mundo as suas aventuras galantes, e tambem porque o bispo teme que as minas de ouro venham a desaparecer, tendo aqui auxiliares tão *espertos*.

O que vai aqui imperando é a descrença na santarrada de pau, introduzida pelos jornaes cujos redactores não temem a vingança e nem a ira dos hypocritas donos de colonias.

A jesuitada tem lido intessadamente a Lanterna, porém, só na qualidade de *assignantes de emprestimo*...

JOAQUIM XARÓ.

Solidariedade

Il *Pungolo*, denodado collega que bi-semanalmente se publica, em lingua italiana, nesta capital, distinguio-nos com as seguintes referencias, declarando-nos a sua franca solidariedade na campanha por nós sustentada contra a clericalha corruptora:

«Este semanario anticlerical de S. Paulo, que surgiu sob os auspícios de um grupo de jovens de boa vontade, com seriedade de intenções e honestidade de principios, está sustentando desde a sua fundação uma luta destemida, encarniçada e sem treguas contra a seita negra que domina e dispõe impunemente sobre a sorte deste desgraçado paiz. Nesta guerra dura e espinhosa, nesta sua obra civica de depuração social, colheu por toda a parte os applausos de todos os honestos.

O immundo reverendo d. Leonardo Gioiele, de Bragança, desmascarado nos sagrados mysterios do seu mister de traficante descarado, requereu querela ao juiz.

Ao modesto luzeiro que, não obstante, illuminou a muitos pobres illudidos o caminho da verdade e do progresso; aos nossos amigos que a esta obra imprimem todo o seu impulso juvenil, a nossa solidariedade e auguro de victoria.»

Ao collega os nossos sinceros agradecimentos.

O padre Leonardo bateu as azas de Bragança. Desde o dia 14 do corrente que o povo bragantino se viu livre deste reverendissimo sanguisuga.

O bispo julgou que com esse meio nos faria estar e encobriria o escandaló.

Imbecis!
E' isso mais uma prova de que só dissemos a verdade, a pura verdade.

Não nos caíamos, não, grandes tartufos! Das ameaças rimo nos nós e dos processos fazemos tanto caso como das excommunhões dos padres.

Segundo sabemos, era esse o juizo que de nós faziam os ratões de igreja de Bragança.

Julgavam que com a ameaça do processo e de perseguições a Lanterna emmudeceria.

Capacitem-se disto os sequazes do porcalhão que dá pelo nome de padre Leonardo: estamos apenas no principio de uma nova campanha de depuração moral.

Os réos que estão agora sendo accusados perante o tribunal da opinião publica são o reverendissimo palhaço Leonardo e os seus não menos reverendos asseclas.

Sobre nós e, principalmente, sobre o nosso amigo Joseph Jubert pesam graves ameaças de violencias.

Aos que costumam tudo resolver pela acção dos capangas responsabilizamos pelo que houver.

Não pretendam repetir as aggressões covardes de que Bragança tem sido theatro porque desta feita o tiro lhes sairá pela culatra.

Não queiram tambem attribuir a esta nossa campanha mesquinhos fins politicos. Não estamos mettidos em partido algum e isso todo gente o sabe.

O unico responsavel pelo que aqui apparece é o editor do jornal, que tem o seu nome no cabeçalho.

É a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel... Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna! E, se for possível, angariar-lhe assignaturas!

Fala um seminarista

Transmittimos aos nossos leitores esta significativa carta, que, como um brado de revolta, nos vem de um seminarista:

«Senhores redactores. Saudações.

Peço-vos o favor de inscrever meu nome no rol dos anticlericaes.

Estou aqui neste maldito Seminario e poderei vos informar dos acontecimentos que aqui se dão. Curso aqui o 4.º anno e cada vez que ouço uma missa, o que acontece todos os dias, obrigado por esses papa-rolões de Lazaristas, mais me convenço da falsidade desta religião, mais me indigno contra essas postas de carne putrida, contra esses escrementos da sociedade, que são os padres. Desejo ardentemente entrar na Liga Anticlerical. Depois tomarei uma assignatura da Lanterna. Peço-vos me indicarem o nome e endereço de mais alguns orgãos do mesmo genero, que serei um propagador fervoroso das nossas ideias, um campeão sempre disposto a combate, um inimigo capital dessa raça de exploradores da humanidade.

Tambem, si acceitardes a minha fraca collaboração no vosso jornal, como vosso correspondente, prometto vos dar sempre noticia, e ser vossa sentinella avançada nas plagas *** no meio destas alterosas montanhas que cercam a bella ***.

Peço-vos dirigir a correspondencia a *** aos cuidados de ***.

Viva a Liga Anticlerical! Morro o clero!

De vosso amigo e irmão em crença

10 de janeiro de 1911.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquellos que não devolverem o primeiro numero recebido.



— Filha, no trilho em que segues, andas mal...
— Pois eu sigo agora o caminho da Igreja...

Ainda o estercorario do Ypiranga

A lista tragica augmenta -- Escandalosa protecção do Estado -- Declarações de solidariedade

A subvenção do Estado

O Orfanato Christovam Colombo, como é geralmente sabido e já temos dito em nossas columnas, é distinguido com subvenção pelo orçamento do Estado.

Considerando-se que nesta terra seria natural encontrar-se no orçamento do Estado uma subvenção até para o pagamento do salario das Perpetuas dos senhores curas, não é, pois, de estranhar que os collegios dirigidos por padres e onde se inibem o espirito das crianças com os preconceitos religiosos recebam subvenções do Estado leigo. Nós não estranharemos quando os membros do governo andarem por ahí oficialmente vestidos de opa...

Tudo pode parecer natural e até justo, se quizerem. Entretanto não deve ser scandaloso o acto reformando, no orçamento votado para este anno, a subvenção concedida ao Orfanato.

Sobre essa nefasta instituição pesam accusações formaes, documentadas e cuja veracidade não soffreu desmentido algum.

O Estado não podia, pois, reformar essa subvenção emquanto a situação do Orfanato não ficasse bem definida.

Mas desejar isso é pretender endireitar as pernas aos cães...

Dessa forma procederiam os homens de bem, mas os governantes desta terra não passam de uns miseraveis papa-hostias...

Mais um valioso attestado

Um novo facto, mais uma victima, um novo crime! Quando se encerrará a lista tragica?

A medida que vamos atirando para a luz purificadora da publicidade as immundicies geradas no estercorario em fermentação no alto do Ypiranga como um desafio á civilização, novos e repugnantes crimes vão sendo conhecidos por meio de noticias surgidas daqui e dali, e que vêm corroborar as nossas accusações e fortalecer a humanitaria campanha que estamos sustentando contra os histriões, os tartufos a cuja guarda se encontram centenas de infelizes criancinhas.

Percorrendo a collecção de outras phases da Lanterna encontramos, no n. 26 de junho de 1903, a noticia abaixo transcripta, vindo demonstrar este novo facto que o Orfanato Christovam Colombo foi sempre um coio de safardanas ali estabelecidas, abusando constantemente das pobres crian-

ças ali arrastadas pela miseria social.

Leiam os leitores o que ha já sete annos se passava no Orfanato sinistro:

«Informam-nos pessoas fidedignas que ha pouco tempo foi, pelo tio, negociante á rua dos Gusmões, retirado do Orfanato um menor em estado de asquerosa immundicie e de miseria physica. Estava coberto de sarna gallica e tinha os pés cheios de bichos!

Informam-nos mais que o dr. Cunha Vasconcellos tem feito varios relatorios sobre o barbaro tratamento que recebem as pobres crianças no Orfanato.

A alimentação é mesquinha e o descuido com os recolhidos é simplesmente revoltante...

E' urgente que o governo, que subvenciona largamente o Orfanato, fiscalize o estabelecimento, mas não pelos olhos beatos do revm. dr. José Vicente, que é suspeito, por viver hypnotizado e subjugado pelos ferozes jesuitas, que fazem daquelle estabelecimento de caridade um prolongamento dos subterraneos inquisitoriaes!

E' provavel que tentem nos desmentir, mas, se o fizerem, estamparemos os nomes das testemunhas desses factos revoltantes, que vêm provar o que já haviamos deduzido do *Numero Unico*, isto é, que no Orfanato Christovam Colombo o que se faz é explorar baixamente a infancia.»

A *Gazeta da Tarde*, importante diario do Rio, transcrevendo o nosso artigo do numero 65, distinguio-nos com as seguintes referencias, que agradecemos:

«Com estes titulos a Lanterna, de S. Paulo, continúa a denunciar os crimes contra a moral e contra a vida perpetrados no Orfanato Christovam Colombo, daquelle cidade.

Esse escandaló já reflectiu, com toda a sua impressão nojenta, nesta cidade. Mas, a attitude desses valentes collegas sóbe de valor agora que contra elles se simula um processo com o fim de aterroriza los, processo que não pôde seguir avante, visto como todo o mundo vê que nas accusações não ha absolutamente calunnia. Ha o desassombro, ha a intrepidez, a coragem de quem está denunciando crimes reaes.

Leiam as suas palavras quentes e convictas e meditem se é possível que se trate de uma calunnia.»

A LIBERDADE E AS IGREJAS

Os camponezes, mesmo erguendo-se contra seus amos (sec. XVI) eram ainda tão doces, tão humildes, tão respeitosos dos privilegios antigos, tão desejosos de fazer de novo a paz, que a sua falta de audacia os condemnava de antemão á derrota. Como dizia um dos seus estribillos: «não podiam curar-se dos padrenem dos nobres», de modo que durante toda a guerra se compraziam em confiar a direcção dos seus negocios não a camponezes como elles, mas a cavalleiros, quasi todos tutros traidores. Quão modestas eram as reclamações contidas nos «doze artigos» que a nobreza da época acolheu com tanto furor!

«Cada communa deve ter o direito de escolher um pastor e de o destituir em caso de indignidade.

«Cada communa deve pagar a dizima ordenada pelo Antigo Testamento, mas não deve pagar outra.

«A servidão é abolida, porque não se harmoniza com a redempção do homem por Christo; mas a liberdade christã não impede a obediencia á autoridade legitima.

«A caça, as aves, os peixes de agua corrente pertencem a todos.

«A propriedade das florestas deve ser restituída pelos senhores á communa.

«Não é permitido o imposto em trabalho, porque devemos conformar-nos aos usos antigos.

«Os senhores só podem exigir dos camponezes os serviços estabelecidos por contracto; para qualquer augmento de trabalho, devem pagar um dinheiro legitimo.

«Quando os bens estão tão sobrecarregados de impostos que o trabalho já nada rende ao cultivador, o aluguel deve reduzir-se após arbitragem de homens respeitaveis.

«As multas judiciais não devem ser augmentadas arbitrariamente, mas é preciso seguir os antigos costumes.

«O imposto chamado «caso da morte» (Sterbfall) deve supprimito como roubo odioso das viuvas e dos orfãos.

«Retiram-se qualquer dos artigos precedentes, provando-nos que está em desacordo com o espirito das Sagradas Escripturas, mas estende-lo-emos, se isso nos parecer conforme as Escripturas e a verdade.»

Tais eram as justas, mas insufficientes reivindicações dos camponezes «irmãos», e se os reformadores tivessem a respeito delles o menor sentimento de equidade, fariam causa commun com elles em vez de se alliarem com os senhores e condes palatinos. Mas é em face desses infelizes expondo as suas queixas com tanta moderação que se pôde ver como a religião nova, proclamando a liberdade de interpretar a Biblia, tinha poucos pontos de contacto com a ideia de liberdade em si.

CAUTERIOS

VI

Chegou, chegou, chegou!
Agora, agora, agora!
Chegou o padre Gaffre.
Não faz inda mais hora!

(Cantiga popular da actual cidade).

A excommungada França nos mandou, precedido de grande estardalhaço, Um padre Gaffre, typo de palhaço, Que pretende se oppor a Clémenceau.

A idéa até me desopila o baco!
Um que ponto o eyinimo já chegou!
Um carrasco querer (é o Sol pasmou!) Suffocar a Verdade com o barão!

Quer por força fazer — louca ironia! —
A Igreja mil (?! de ideal Democracia,
Quer milho, fama e inda outras coisas mais...

E elle, o Gaffre, com idéas tão galantes,
Ditas, porém, em phrases opulentas,
Aqui traz boquiabertos os jogreaes!...

HEBERT DA SILVA.

e como ella pelo contrario gostava de se collocar do lado dos fortes contra os fracos, dos ricos contra os pobres. Lutero, fóra de si á vista do leão popular que os seus inimigos o accusavam de ter desencadeado, poz toda a sua eloquencia, todo o seu furor ao serviço dos principes feudales para reconduzir a multidão á servidão tradicional. «Se eu pudesse tomar a responsabilidade disso perante a minha consciencia, eu antes aconselharia e procuraria que o papa, com todas as suas abominações, se tornasse de novo nosso amo, porque é assim que o mundo quer ser conduzido: por leis severas e pelas suas superstições.» (Hartmann, *Religião de L'avenir*).

Mas o que Lutero não ousou fazer dirigindo-se ao papa que renegara, le-lo invocando os principes que associara á sua revolta contra a Igreja, e fe-lo numa linguagem atroz: «Como os asneiros, que devem estar sempre sobre os seus animaes, sem o que estes não andam, deve o soberano impellir, espancar, estrangular, enforcar, queimar, decapitar, pôr sobre a roda o povo, *Herr Omnes*, para que elle o tema e seja enfreado.» E os conselhos do «reformado» foram seguidos á letra.

A principio, quando os camponezes de Wadshut, perto da fronteira helvetica, desfaldando a bandeira negra-vermelha-ouro, a 24 de agosto de 1524, decidiram fundar a «fraternidade evangelica» dos camponezes, fazer «guerra aos castellos, aos conventos e aos padres» e lutar sem treguas até a libertação de todos os irmãos escravizados do imperio, fóra geral o pavor no mundo dos senhores.

Muitos delles pediram misericordia, implorando o favor de ser recebidos entre os «irmãos», numerosas cidades alliaram-se aos camponezes confederados; estes ganharam mesmo victorias em batalha regular contra os cavalleiros e seus mercenarios.

Mas quando se viu que os camponezes não ousavam tirar proveito de seus triumphos e proclamavam-se sempre laes e feis subditos do imperador, retomou-se coragem e o furor cresceu com todo o medo que se tivera.

A repressão foi terrivel, e os assassinatos e torturas não teriam cessado se os senhores não precisassem de criados, feudatarios e soldados. Foi o que os amigos de Casemiro de Brandeburgo lhe fizeram notar, quando já trucidara a sangue frio quinhentos desgraçados: «Mas se temos de matar toda a nossa gente, onde acharemos outros camponezes, dos quaes possamos viver?» Segundo o bispo de Speyr, os senhores contentaram-se com o morticínio de cerca de 140.000.

E entretanto a logica dos acontecimentos arrastava para uma liberdade pratica completa os homens a quem o protestantismo concedera a seu pesar a liberdade de exame.

Entre os que tinham aberto a Biblia havia-os cuja ambição era reconstituir essa Igreja dos primeiros dias que puzera em comum todos os bens terrestres para ter apenas que se occupar da salvação eterna.

Os «anabaptistas» das cidades hollandezas e do noroeste da Alemanha, reformados que viam no baptismo dos adultos um acto symbolico de conversão pessoal e de convicções activas, eram dos que desde a vida presente queriam fazer descer o céu para a terra e supprimir esses odios de interesses que o teu e o meu fazem nascer entre os homens.

Mas para isso tinham que sair de toda sociedade official, ignorar todos os amos e seus decretos. Apesar da recordação dos recentes morticínios de camponezes, esses communistas ousaram agrupar-se em sociedades independentes. Desde 1533, a cidade de Münster, na Westphalia, tornou-se uma communa onde foram abolidas todas as antigas leis. Todo o ouro, todas as joias, mesmo os ricos pannos foram entregues ao thezouro commun. As casas dos burguezes e nobres fugitivos tornaram-se as habitações dos cidadãos pobres, ao passo que os de fóra, acudindo para gozar da bella igualdade na cidade livre, haviam ido morar parar as igrejas. Continuava um a trabalhar na obra para a qual se sentia util e recebia para esse fim as materias primas. As refeições eram publicas, devendo cada um tratar,

elle mesmo, de não cortar mais do que o pão necessario ao seu appetite.

Semelhante sociedade teria sido um exemplo excessivamente perigoso para que pudesse ser tolerada, e os principes protestantes da baixa Alemanha, unidos ao bispo titular da cidade, retomaram-na de assalto (1535), trucidando os defensores. O corpo de João de Leyde, o rei da «Nova Jerusalem», ficou muito tempo exposto numa gaiola de ferro suspensa da torre da cathedral.

ELISEU RECLUS.

Um pouco de coragem!

Eu não tenho outra intenção, ao traçar estas linhas, que a de concorrer com a martellada do meu atheismo na hygienica obra de destruição desse edificio já carunchoso e bolorento da religião. Bem sei que a martellada é fraca, mas nós não devemos perder um só instante que seja, não devemos desperdiçar nenhum movimento, embora de effeito minimo, no ataque a esse bando insaciavel de salteadores de sotaína.

E eu queria lembrar aqui, precisamente, a molleza, o medo, a indiferença, que se notam na maioria dos que, sem serem religiosos, se dobram ás conveniências ou a esse temor estúpido de «parecer feio».

Porque é o que se vê. Tome-se qualquer cidadão ahi na rua e pergunte-se-lhe se crê na infallibilidade do papa, na virgindade de Maria, na existencia do inferno e do paraizo, etc., e o homemzinho responderá dum sorriso: — Ora, patacoada dos pa lres... Mas se o interrogam sobre seu casamento religioso, sobre o baptismo dos filhos, sobre seu comparecimento a missas, etc., atalhará com o mesmo sorriso: — Ora, toda a gente faz isso, é o costume... Eu não dou importância a essas cousas, mas fica «feio», compreende...

Bolas! não está certo! Ou bem que somos, ou bem que não somos Isto de pensar dum modo e fazer as cousas de modo differente é, pelo menos, um absurdo. Não deve ser assim. Coherencia e um pouco de coragem, e devemos abolir essas praticas por completo. Quem não é religioso não vai á missa, nem baptiza filho, nem dá esmolas para os «santos».

O mal causado pelas religiões não é coisa que seriamente se conteste mais. A existencia dos deuses é objecto já muito avariado. Todos vêm isso, todos o sentem; e, no entanto, esses mesmos que o sentem e o veem, são os proprios a sustentar o polvo. É uma palermice positivamente imbecil...

Vamos! Um pouco de energia e façamos sómente o que nossa consciencia julgar direito e certo. Odio e desprezo para a canalha das sacristias, e não deixemos nem um instante sequer que esses traficantes de batina explorem a nossa indiferença, vivendo e engordando fartamente á sombra da nossa perniciosa transigencia. Reajamos, por todos os meios possiveis e a todos os momentos, contra essa horda de abutres sordidos e vorazes. E sobretudo, ó irreligiosos, ó homens independentes, não demos definitivamente nunca, não dispensemos, de forma nenhuma, nem um nickel a esses embusteiros. Nada de concessões, nada de transigencias, nada de favores. Mas ataques de toda a especie e em todas as oportunidades.

Porque no dia em que a padralhada fór viver do que lhe dão as beatas e os carolas, nesse dia a soberba e prepotente Igreja de Christo abrirá bancarrota.

Isto é mais que evidente. Esta historia de dizerem que a maioria do povo é catholica, apostolica, romana, reduzida a seus verdadeiros termos, ficará sem dois dedos de verdade. O que ha é indiferença, é fingimento, é molleza, é esse receio ridiculo de «parecer feio».

Feio é fazer o contrario do que se pensa. Feio é sustentar essa cáfila de malandros. Feio é respeitar e proteger os representantes da mentira, discipulos de Torquemada e de Alexandre Borgia. Feio é deixar-se boçalmente explorar. Feio é encher a barriga de bandidos.

Vamos? Um pouco de coragem e acabemos com isto!

BARBARIDADE INQUALIFICAVEL

Horroroso e covarde assassinato de dezoito homens na ilha das Cobras — Scenas inquisitorias

A *Lanterna* não se immiscue nas baixas intrigas da politiquice sem principios e interesseira. Anima-a um programma mais largo, mais elevado que essa luta mesquinha cujo unico lemma é: «*Sai tu que quero entrar eu*».

Não nos cançaremos de o declarar tantas vezes quantas forem necessarias para que o nosso intuito não seja mal comprehendido, mormente tratando nós, agora, de um facto que pode ser explorado pelos politiquieiros de officio.

Já no nosso numero passado nos referimos á monstruosidade sem nome de que foi theatro a ilha das Cobras.

É tão triste, tão negro, depõe tanto contra a civilização, que um brado vibrante de protesto se faz necessario em nome dos mais sagrados principios de humanidade.

Crime horrendo, barbaro, hediondo! Resume em si os mais requintados sentimentos da perversidade humana!

Octave Mirbeau teve ali, reproduzido em terrivel realidade, um dos quadros mais horrorosos do seu *Jardim dos Supplicios*.

Os precedentes deste epilogo negro todos conhecem. A maruja revoltou-se contra o uso degradante da chibata e com a amnistia voltou á paz. O aviltante castigo voltou a ser applicado na ilha das Cobras e o batalhão Naval atirava a uma luta desesperada.

As autoridades governamentais cercam aquella praça de guerra. procedem ao bombardeio, o *EMBORA JA' TERMINADO O FOGO DOS REVOLTOSOS E ALÇADA A BANDEIRA BRANCA*, continuava o canhoneio das forças legaes.

A ilha das Cobras foi arrazada, os navaes quasi que completamente trucidados.

Decreta-se ainda o estado de sitio e sob a sua protecção é que se consummou a ignominiosa infamia.

Os marinheiros foram transportados para a ilha das Cobras, transformada em vasto matadouro humano. Na Casa de Correção, sob as vistas desse grande magarele que é o sr. Pires Farinha, eram escolhidas á pancada as turmas de fuzileiros dos cento e tantos para lá enviados que se destinavam a ser torturados na ilha sinistra. Na ilha das Cobras o uso de taes disciplinas era dantesco; na Correção, quanto menos violento, era ainda assim horrificante.

Chegadas as primeiras turmas á ilha da Morte, foram com ellas atulhadas todas as masmorras, cubiculos e solitarias ali existentes. Atulhadas é bem o termo, pois nas solitarias feitas para, incommodamente, alojar uma pessoa, eram mettidas tres e quatro, guardando-se a mesma proporção para todos os demais compartimentos.

E assim, de pé, comprimidos uns contra os outros, sem se poderem virar, ficaram ali centenas de homens, horas e horas, na esperança de que mais tarde os viessem tirar para outras dependencias do presidio.

Em vão esperaram os desgraçados. O calor, infernal calor de um ambiente fechado por todos os lados, e a atmosphera pestilenta, respirada de bocca a bocca pelos infelizes marujos, gerou em breve a sede. Reclamaram agua o ninguem os quiz ouvir.

Os desgraçados sem ar para respirar, nem agua para beber, começaram então a provar tormentos indescriptiveis. Transcorreu a primeira noite, o dia nasceu e morreu, uma segunda noite ouviu seus gemidos, e não lhes deram agua, e não lhes deram pão.

Veiu, afinal, o perido agudo da fome. Alliava-se a ella o cansaço, o entorpecimento muscular produzido por muitas horas de immobildade absoluta.

Pelas grades viam-se, lá dentro das masmorras, bocca que se abriam em ronquidos secos, esmolando uma gotta de agua para se desdentar; olhos que pareciam saltar das orbitas, procuravam entrever uma restea de luz que lhes falasse de liberdade. Comprimidos, corpos seminuzs exhalavam uma fedentina acre e repugnante de jaula mal lavada.

Caiu, por fim, a primeira victima. Matara e inanção. Diante disso

ainda mais revoltou a multidão dos condemnados.

Em altas vozes reclamaram agua, alimento e um medico para o companheiro de infortunio, que ainda julgavam com vida. Retiraram o homem que havia caído, e cá fóra verificaram que estava morto.

Houve um momento de alarido nas masmorras, os presos forçaram as grades robustas. Despejaram-lhe por cima varios saccos de cal.

O desespero, num crescendo continuo, foi até o ponto de implantar a loucura entre os enclausurados. A fome levou-o a tirarem pedaços de carne uns aos outros, isso em meio de uma gritaria de apiedar ás proprias feras.

A morte foi fazendo novas victimas, e no fim de tres dias dezoito enterros saiam da ilha das Cobras para o cemiterio do Cajú.

Não fosse a exeguidade de espaço com que lutamos e publicaríamos tambem a lista com os nomes, idade e naturalidade dessas criaturas mortas a fome, á sede, á asphyxia e á pancada, dentro da propria capital da Republica.

Um jornalista entrevistou o medico do Batalhão Naval, dr. Ferreira de Abreu, e elle deu respostas que derramam multiplos jorros de luz sobre os tristes successos. Assim falou:

— Quando voltei á ilha das Cobras, o commandante Marques da Rocha disse na secretaria: «Tem-ahi dezesseis cadaveres; precisa passar as certidões de obito».

Na ilha não havia nenhum doente de gravidade. Aquellas dezesseis mortes surpreenderam-me. O commandante, talvez notando o espanto que me causou aquella noticia, disse-me que se tratava de casos de insolação. Todavia, não quiz passar os attestados sem primeiro examinar os cadaveres. Fui veloz, e fiquei convencido de que os homens tinham morrido de inanção e asphyxia. Procurei saber logo onde tinham sido encontrados os cadaveres. Informaram-me que nas solitarias são prisões horrosas, nas quaes o ar só entra depois de ter percorrido dois estreitos cubiculos onde o ambiente começa sendo envenenado. Imagine: em seguida a uma porta de grades, ha um pequenissimo espaço, de um metro, si tanto; segue-se uma porta toda chapeada de ferro; depois um espaço igual ao primeiro, após este nova porta de ferro, tendo apenas um orificio a certa altura...

Examinado as proporções do cubiculo em que estavam os desgraçados, desta maneira se exprimi o medico:

— Quando a minha cabeça chegou á altura do orificio que serve para a entrada do ar na solitaria, recuei aterrado, tão pestilencial era o fetide que de lá vinha! E ainda lá estava gente viva!

Diante daquella monstruosidade, fiz o que devia: dirigi-me ao commandante, para que elle mandasse immediatamente transferir os presos da solitaria. Assim se fez. Encontrei então o João Candido e outros em estado desgraçado, aos quaes mediquei, immediatamente. Um dos presos, um creolo alto, estava já estendido no chão e sem poder mover-se. Se não lhe acudisse depressa, teria morrido tambem...

Perguntado sobre o motivo do attestado de obito com molestia diversa daquella que victimou as praças, respondeu:

— Dei os passos que a minha posição especial me determinava que fizesse. Voltei a ilha, já munido dos papeis impressos para as certidões. Dei como causa de obito insolação... Seria uma vergonha que eu declarasse nesse documento que aquelles homens morreram de inanção e asphyxia...

Um outro jornalista assim descreve o que lhe contou uma testemunha ocular do enterramento das desgraçadas victimas:

«Para o lado do mar, no caos, bem em frente á casa dos mortos, havia algo de extraordinario. Um batalhão, de luzes apagadas, pejado de fardos, encostára em terra. Delle saltava um sargento do Batalhão

Naval, carregado de papeis, e se dirigia para o cemiterio. Apareceram o administrador daquelle estabelecimento e mais empregados.

— Vou mandar accender os archotes para trazer os corpos, disse o administrador — Nada de luz, accercentou o sargento; trago ordens de fazer tudo ás escuras, para não despertar a attenção, para que ninguem veja. O sargento apresentou-lhe os documentos referentes aos DEZESEIS CORPOS que se achavam no batelão, quinze praças do Batalhão Naval e um marinheiro, mortos barbaramente á fome, sede, lentamente, na ilha das Cobras, depois de prolongadas horas de atroz supplicio.

No meio daquella papelada, vi-nham os recibos do pagamento das sepulturas, isso para evitar duvidas, para não haver embaraço no sepultamento.

Ao sair disse o sargento: — Amanhá aqui voltarei; TEM MAIS DEZ.

No dia seguinte não foram os dez cadaveres, como fóra annunciado. Mas, á noite — sempre protegidos pela escuridão — chegaram mais dois: um fulminado pelo BERTI BERTI, outro victimado pela ANEMIA. E os oito restantes? Esses não chegaram a ser... insolados.

Assim não aconteceu. Os commentarios sobre as dezesseis mortes, o ruído daquella ferocidade e os gritos desesperados das victimas foram despertar o ministro da marinha, que chegou a tempo de impedir maior... insolação. Os dez foram acudidos. Desses, porém, dois não eram mais deste mundo: O BERIBERICO e O ANEMICO.

E capital do Brasil foi assim theatro de scenas que são a causa de toda a indignação, de todo odio com que é lembrada a Inquisição.

A ilha das Cobras foi transformada em um verdadeiro circo necronico.

Houvesse aqui uma opinião publica formada, prompta a se revoltar contra os excessos dos tyranos e a estas horas veríamos surgir, fortes, clamorosos, os protestos condemnando o crime hediondamente barbaro que acaba de envolver a reputação do Brasil.

Demonstrações de solidariedade

Continuamos a registrar com immensa satisfação as demonstrações de solidariedade que, como um alento para a luta, nos estão sendo manifestadas de toda a parte do Brasil.

Acolhendo mais esta dos amigos de Guabiroba (Taquaritinga), a todos protestamos o nosso sincero agradecimento, prometendo que não pouparemos esforços nem sacrificios na grande campanha contra os corruptores da infancia desvalida.

Eis a declaração dos companheiros

De Guabiroba

Os abaixo assignados, reunidos em comicio a fim de protestar contra as inauditas infamias commettidas no Orfanato Christovam Colombo, onde se estupra e assassina, ao mesmo tempo em que se declararam dispostos a manter com todas as suas forças moraes e materiaes a campanha purificadora iniciada pelos valorosos jornaes *La Buttaglia* e *A Lanterna*, não têm palavras sufficentes para manifestar a repugnancia, a nausea, a indignação em todos produzida pela conducta da policia paulistana, que fez todo o possivel para salvar os assassinos, burlando a justiça da maneira mais vergonhosa.

Guabiroba, 5 de novembro de 1910.

Antonio Battara, Borgognoni Cesare, Adelmo Piva, Crespi Vittorio, Odino Zanaroli, Ardigio Bruschi, Massimo Guglielmo, Generino Bullo, Crespi Dioteno, Dilena Giuseppe, Giovanni Conca, Batista Malerba, Andra Conca, Antonio Pauli, Amaden Fioravanti, Dante Bassi, Fioravanti Virgilio, Mario Bentoni, Joaquim Barret o, Malerba Mario, Mauro Piva, Carlo Rehofel, Colombo Cesare, Giovanni Micali, Giovanni Roveri, Micali Bizzieri, Alcibiade Pedrazzoli, Alexandre Albanesi Umberto Fioravanti, Luzzi Vincenzo, Paganini Francesco, Demetrio Fioravanti, Henrique Guidorzi, Bassoli Luigi, Giuseppe Muscio, Zavatta Luigi, Butarra Egídio, Negri Desiderio, Benedieto Barretto, Angelo Grisani, Malavasi Mario, Francesco Ugolini, Zapparoli Odone, Zapparoli Paulo, Iginio Oliani, Italo Benatti.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polyodoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

Pedro Gori

O advogado Pedro Gori, cuja morte o telegrapho nos noticiou ha poucos dias, não foi um homem de bem, no sentido que os taverneiros, os salesianos, os policias, os banqueiros e as mulheres... honradas dão áquelle apelido.

E os americanos poderiam, sem receio, até affirmar que foi um homem mau, bastantemente mau, pois que atravessou, do Norte ao Sul, a America sem pedir um vintem aos governos para celebrar, segundo o preço, virtudes aqui desconhecidas, e gabar topezas de caudillos com enthusiasmos fecundos, alentados por democracias tão jovens... e já tão catraças.

Foi um homem mau porque não metteu a mão nas caixas do erario publico, como Doumer e os que este seguiram na segunda descoberta da... India; porque não quiz transformar-se em agenciador de emigrantes; porque não bajulou governos e satrapas; porque gritou alto que aqui, como além, o operariado é oprimido e a justiça passa por um mytho e a liberdade por uma expressão de rhetorica; porque enfim não fez, como Ferri, da propria bandeira, farrapo para limpar botinas.

Não esteve no Brasil... e talvez aqui não o teriam deixado aproar. No Brasil só desembarca gente de bem, mesmo se um presidente de Republica se oppõe.

Frades, freiras, jesuitas, salesianos, que venham... Então a hospitalidade liberal em que consistiria? Mas anarchistas?!, Que esse lindo boneco, o Senhor Bom Jesus de Iguape, nos livre dessa calamidade!

Porque Gori era um anarchista, isto é, um louco, e segundo a opinião dos sabidos, um louco manso.

A policia porém não professou tal opinião, perseguindo-o sempre. Pois se é verdade que elle nunca participou de actos de revolta violenta, a culpa foi do acaso. Só este o impediu de morrer atraz duma barricada, cantando... Mas os sabidos não podem admitir que Gori fosse um louco bravo... porque era um poeta, um escriptor de buriladas paginas e um tribuno que convertia os mais refractarios com o seu verbo commovedor. Ora todos sabem que os anarchistas são brutos e illetrados; brutos... como Reclus, illetrados... como Mirbeau... gritadores, violentos e ócos... como Faure...

Mas louco manso, ou louco bravo, para a gente da ordem, Pedro Gori foi um homem mau: um rebelde sem Deus e sem Patria, um calumniador do Capital e de muitas outras instituições veneraveis ás quaes devemos todas as bellezas do actual estado social que não poderia ser melhor, nem mais burano, nem mais civil...

Perseguido, justamente, em vida pelos esbirros, sel-o-a tambem depois de morto, pelos archanjos...

Rebelde aqui, reprobado além!... Por isso registamos o seu nome e o recordamos aos nossos amigos, para que lamentem a perda que a humanidade soffreu e numa hora que é das mais caliginosas, duma forte e bella individualidade, que gastou sua curta existencia propagando verdades, defendendo oprimidos e encorajando os rebeldes com os hymnos que invocavam todas as dores e todas as esperanças...

Mas, recordando-o, não temoo nenhuma pretensão de indica ls como exemplo á nossa juventude intellectual. Esta é mais positiva. Defenderá o oprimido se este ainda possuir alguns vintens, e uma só liberdade reclamará: a liberdade... a liberdade de chegar a ser escriba ao soldo de tyranos. E se entoar cantos, estes serão as litanias da beata virgem...

Porque para ser rebelde da tempera dum Gori, é preciso não só illustração e genio, mas tambem caracter... E isto, ai de mim! é tão custoso encontrar-se... nestes tempos de consolidação democratica; tempos que elevam a covardia a virtude e a servidão a sciencia da vida.

Por isso nós sentimos a morte dum desses malditos anarchistas, dum desses homens loucos que lutam pela regeneração da especie e pela dignificação do individuo.

E se a morte não fosse uma fatalidade, se ella viesse realmente da vontade de um deus necrophago, nós, com o mavioso poeta da anarchia, num satânico acto

de soberba revolta, ameaçando com o punho o céo, gritaríamos:

E maledetto dio, bieco fantasima di menti paurose, sottogno alle vecchie tirannidi, e alle menti accidiose,

G. D.

Uma surpresa

A morte subita do padre Jeronymo de Sant'Anna espalhara a consternação em toda a freguezia da Gloria.

Trinta e tres annos; cabeça loura, viril pelo desenho, femil pela delicadesa da expressão.

Nos seus olhos azues suavissimos banhavam-se do ether da fé os das suas lindas confessadas, que sahiam sempre perturbadas de seus pés, com o incendio de duas rosas nas faces e o coração inquieto...

Nem uma palavra profana, menos repassada de contrição lhe escapava, no entanto, dos labios pallidos e finos...

Porque se perturbavam então as gentis freguezas do padre Jeronymo? Porque elle era moço e formoso, formoso de estontecer cabecinhas de dezoito annos, ennevoadas por leituras sentimentaes.

Dir-se-lia um desses anjos annunciativos de Lorenzo di Credi ou Botticelli, pintados a leite e rosa. A sua castidade, porém, era proverbial no bispado,

Havendo feito com brilhantismo os seus estudos ecclesiasticos, lóra completa-los doutorando-se em cononés a Roma, e tanto se havia distinguido lá, que correria o boato de haver sido convidado pelo Papa para seu secretario particular; — boato que elle, aliás, desmentiu sempre.

De regresso, foi viver com a mãe viuva e a unica irmã solteira, na deliciosa casinha de Santa Thereza, pertencente á familia. A irmã desposou um medico, e o padre ficou só com a velha mãe, que elle idolatrava. Passados alguns annos, partia-se esta para a grande viagem do Além, morta suavemente, sem agonia, como um passarinho.

O que soffreu o padre Jeronymo lia-se-lhe no magoado sombrio dos olhos, no emmagrecimento das faces, no abatimento de todo elle.

Conservou a residencia familiar, sagrada por tantas recordações piedosas. Ali viveu vida santa, de uma exemplaridade rara, de todos sabida e louvada.

Imagine-se, pois, a consternação que a morte subita do padre Jeronymo de Sant'Anna espalhou em toda a freguezia da Gloria.

A casa, no dia fatal, não desenchia de familias, em luto, que iam beijar-lhe as géidas mãos immaculadas.

Uma das mais lindas das suas confessadas — dezeseite annos ridentes e perfumados, florindo entre as rosas das faces e dos labios, á luz tropical de dois sóes, — soluçava convulsivamente, de joelhos, espalhando o luto de seus cabellos sobre os alvos lençoes mortuarios.

Oh! não chorava menos affictamente que a irmã do morto, ajoelhada tambem, mas no genuflexorio delle, em face do pequeno oratorio flammeante, do qual o Nazareno livido, em sua agonia de marfim, presidia á funebre scena.

Eram muitos os padres, velando o collega, consolando as mulheres. O bispo em pessoa fóra abençoar o cadaver.

A's quatro horas fizeram sahir todas as mulheres: iam vestir o corpo. O bispo, que prezava e estimava muitissimo o padre Jeronymo, quiz ajudar tambem a triste cerimonia. Decidiu-se que elle seria vestido com a melhor batina e a capa mais nova. O conego Alves, seu amigo mais intimo, incumbiu-se de procura-las nos moveis do quarto.

Nas gavetas da commoda só encontrou roupas brancas, cheirando a rosmaninho e a trevo. Abriu então o elegante guarda-roupa de erable, de porta de vidro... e recuou, pallido, sem poder reprimir uma exclamação de surpresa.

Entre as batinas, capas e sobrepelizes estava pendurado um vestido de seda cor de perola, coberto de rendas, com a cauda amarfanhada e as mangas largas bofando dentre os negrimes das roupas talares.

Uma onda violenta de aromas sahiu do movei, invadiu o quarto,

O FUTURO

Amor, sublime sonho! Esplendida epopeia!
Doce visão pregada nos fechos da Idéa,
Aureola de luz, throno de liberdade!
Sobre os peitos que outr'ora os ferros opprimiram
Novos sonhos ao povo céleres abriram
Implantando a Justiça em nome da Igualdade!

Já não se ouve o bater dos sinos de finados,
Já não correm nas praças, loucos, desgrenhados
Os soldados dos reis a abrir a multidão;
Os thronos estão quasi todos em pedaços,
E as sotainas cruéis tornadas estilhaços
A' voz universal do amor e do perdão!

Armas, fogos, punhaes, purpuras de assassinos
Já não usam se erguer em frente aos peregrinos
Que no mundo espalhados soffrem frio e dor...
Reis templos, thronos, lampadas de incenso chcias,
Humildes, sepulcraes, rolaram nas areias
Do alfange da Igualdade nos braços do amor!

Não mentiram falando as velhas prophcias
Quando prognosticavam doces utopias
— Aos povos que hão de vir nos seculos futuros —
Era o emblema da Paz, o manto da Igualdade
A' destruir templos, reis, em nome da Verdade
E a calçar sob os pés das Bastilhas os muros.

Já não se vê mais reis em thronos assentados,
Nos ergastulos já não ha mais condemnados,
Nem nos altares os padres rezam a missa!
A ferrugem roeu da Guerra as suas armas
E o grito furibundo e louco dos alarmas
Uniu-se á voz da Paz na toga da Justiça.

Sublime amor, a paz em tudo brilha e canta!
Risonha a Natureza em festa se levanta
Suspendendo nas mãos da vida o palinuro!...
E o home n robusto e forte levantando o malho,
Canta em voz alta e melodia do Trabalho,
Então docemente os hymnos do Futuro!

Norteia ao longe a voz do verbo sacrosanto,
A voz do Genio que num melodioso canto
Ardentemente diz com — fé e com verdade: —
«Irmãos, amigos meus, ouvi a minha missa!
Eu sou o Amor, a Paz, a Fé, sou a Justiça,
Sou o Direito, a Luz, chamo-me Liberdade!...»

Gualther Martiniano.

Bahia, outubro, 1910.

agitou brandamente as chamas dos cyrios pensativos.

Dir-se-lia a alma de uma mulher linda e joven, descaptivada de repente e enchendo o recinto de morte com o vivo aroma cá pito do amor.

Os padres entreolhavam-se interditos. Um diacono sorria-se, com as ventas affiantes.

Mas s. ex. o sr. bispo, sem se perturbar, disse com a sua voz pausada e grave:

—Uma recordação sagrada, esse vestido: foi da virtuosa mãe do nosso irmão que ora descança no seio do Senhor.

E o diacono sorria-se...

VALENTIM MAGALHÃES.

O padre Gaffre

Chegou a S. Paulo, terça feira p. p., o padre Gaffre, celebridade de reclame, que veio rebater as conferencias sociologicas aqui feitas por Clémenceau. Apesar do reclame, do escarcéo feito pela carolme, o elegante abbade parisiense foi recebido apenas por uma meia duzia de jesuitas de casaca, e a sua primeira conferencia, feita quarta feira no aristocratico salão de Germania, teve um auditio nada compensador dos gastos com os annuncios.

Do proximo numero em diante começaremos a publicação duma série de artigos do nosso illustrado collaborador e amigo Benjamin Mota, em analyse ás conferencias do padre Gaffre.

Tambem Ricardo Figueiredo, nome já bastante conhecido nos arraiaes do Livre Pensamento, prometteu-nos uma série de artigos da sua penna causticante, ironica e energica, sobre os absurdos que aqui vomitar o mocço abbade tão querido das mundanas de Paris.

Aguardem, pois, os leitores a palavra autorizada dos nossos intelligentes correligionarios.

ESPECTACULOS

THEATRO CASINO

Sempre muito concorrida esta casa de diversões. As estréas têm satisfeito muito o publico, que não regatêa palmas aos bons numeros que ali se exibem. O caricaturista Blasco, e os Daria são os que mais se distinguiram nos espectaculos da semana passada.

A orchestra das damas francezas continua a chamar a attenção dos frequentadores do Apertiff-concert, sempre muito concorrido todas as tardes das 4 ás 7 horas.

Brevemente novas estréas. Amanhã, haverá marinhô familiar.

Goliardo na America

O Giornale d'Italia, de Buenos Aires, publicou a seguinte noticia sobre a viagem de Guido Podreca á America:

«Convidado pelo periodico El Progreso, organ da Liga Nacional do Livre Pensamento, virá dentro em breve a Buenos Aires o deputado Guido Podreca, o popularissimo Goliardo, director dell'Asino e redactor do Avanti!, de Roma.

Goliardo, conhecido em todo o mundo pelo seu inexcédível jornal anticlerical, com o qual tem sustentado esplendidas batalhas de verdade e de justiça, azorragando sem piedade e sem descanço os vendilhões da igreja de Roma, os ladrões, os simoniacos, os corruptores de crianças; Goliardo, o conhecido perseguidor do deputado clerical Santini, perseguição humoristica e sã que por diversos annos fez o bom humor de toda Italia, virá a Buenos Aires realizar uma série de conferencias inteiramente gratuitas.»

Não seria uma boa occasião para conseguirmos ouvir em S. Paulo algumas conferencias sobre o anticlericalismo, realizadas pelo competentissimo redactor do L'Asino?

Acreditamos que os anticlericaes não poupariam esforços para se conseguir realizar uma tão proveitosa iniciativa, e, confiantes nisso, já escrevemos nesse sentido aos colegas d'El Progreso.

O Orfanato sinistro

Continuamos a inserir o quadro negro do orfanato, onde registramos todos os seus santos feitos:

IDALINA DE OLIVEIRA, orfã, de dez annos, natural de Bebedouro — estuprada pelo padre Stefani e assassinada com pancadas de pá na cabeça pelo padre Faustino, director do Orfanato, na occasião em que a infeliz criança tentava fugir daquelle antro.

GIUSEPPINA DE TAL, de quatorze annos, estuprada por ter tentado chamar por soccorro dentro do quarto de banho da secção feminina do Orfanato, na Villa Prudente, sendo autor do crime o mesmo padre Faustino, que se diz virgem e puro. America Ferraresi, ex-alumna daquelle bordalesco refugio, viu essa menina morta, no banheiro, com o rosto tumefacto e roxo.

ARCANGELO LANDUCCI, filho de Cezar Landucci — estuprado e contaminado horrivelmente no Orfanato, enlouquecendo em consequencia deste acto de caridade dos padres.

ALFREDO BELCHI, filho de Carlos Belchi, professor da Escola Josué Carducci, de Jurema — epileptico devido a pauladas recebidas na cabeça, vibradas por um padre do humanitario Orfanato.

ELVIRA (VULGO VEADINHA) — filha do antigo leiteiro do Orfanato, estuprada pelo sempre virgem padre Faustino, em um capinzal, quando tinha dezeseis annos de idade e hoje prostituida.

JOSE' ADEMAR DE FARIA, morador á rua da Gloria — fugido do Orfanato em consequencia de mau tratos, tendo o corpo cheio de sevicias e n alma cheia de terror.

DOMINGOS EGYDIO, residente á rua General Carneiro, 45, de novo fugido do sagrado abrigo e transportado para a cidade pelo sr. Antonio Rochetto. Conta, aterrorizado, os maus tratos de poques que são victimas os asylados. Mostrava na cabeça uma larga ecchymose produzida por uma pancada que lhe vibrou um padre do sinistro Orfanato.

Ha tambem uma outra victima, de quem não podemos publicar o nome. A infeliz contou a seu noivo que, ha seis annos, foi estuprada por um padre do Orfanato.

Avaliando só agora toda a infamia soffrida e sabendo seu corpo conspurcado pelo contacto asqueroso do padre infame, quiz ser leal a seu noivo e tudo lhe narrou.

ROSA DE TAL, deflorada no Orfanato, que por isso foi abandonada pelo seu companheiro.

Existem ainda muitas outras victimas, que por uma forte rede de conveniencias nos impedem de as incluir aqui.

Por isso, só podemos nos occupar dellas sem lhes citar os nomes, o que, entretanto, será feito se os padres tiverem a ousadia de nos processar.

Dentre ellas podemos destacar as seguintes:

Um menino, residente no Ypiranga, victima de uma tentativa de estupro por parte de um padre do Orfanato.

Uma moça até ha pouco tempo empregada na fabrica de tecidos Mariangela, estuprada por um padre do Orfanato.

Uma outra moça, hoje casada, tambem deflorada por um padre do covil do Ypiranga.

Dois meninos, um morador no bairro do Braz, e outro que até ha pouco foi musico da banda do Orfanato, foram tambem victimas da bestialidade dos padres daquelle coio.

Aos assignantes da Central

O nosso companheiro José Romero está percorrendo a linha Central, em viagem de cobrança.

Julgamos desnecessario estarmos aqui a appellar para a boa vontade dos nossos assignantes. A Lanterna vive exclusivamente do rendimento das assignaturas e, dizendo isto, acreditamos dizer tudo para que todos prestem o seu inteiro apoio ao nosso companheiro.

Aos amigos que pagaram o primeiro anno a vencer até o fim de dezembro, avisamos que não devem estranhar a sua visita, pois, como já temos dito, estas viagens só podem ser feitas poucas vezes, pelas grandes despesas que acarretam.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero seguinte.

Srta. Leonor Pedrozo
EMBELECIDADA COM A
Emulsão de Scott



«Minha filha Leonor padeceu durante varios annos de Eczema e Anemia. Recorri a todos os medicamentos sem obter proveito algum, até que tive a feliz idea de dar-lhe a Emulsão de Scott que lhe restituiu a saude.»
—ANTONIO PEDROZO, Campinas, S. P.

Nada desfeia mais o rosto das senhoritas como a côr macilenta, os cravos, espinhas, eczema e outras erupções da pelle que proveem da impureza do sangue.

A Emulsão de Scott regenera e enriquece o sangue melhor e mais rapidamente que nenhum outro remedio, expelle do systema toda a impureza e dá á tez a côr rosada que é distinctivo de belleza e saude.

Exigir sempre esta marca, sem a qual nenhuma Emulsão é boa nem legitima.



Scott & Bowne, Chímicos, Nova York

Conferencia literaria

Ante-hontem a illustre poetisa Julia Cesar realizou, no theatro Sant'Anna, uma conferencia sobre o amor, que foi bastante attractiva, como era de esperar do reconhecido talento da conferencista.

Agradecemos o gentil convite que nos foi enviado.

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da Lanterna para serem distribuidos gratuitamente.

Os amigos podem nos enviar os seus pedidos.

A Escola Moderna

O Comité desta grandiosa instituição que em breve será um facto, está distribuindo a seguinte circular, para a qual chamamos toda a attenção dos interessados:

«Com o intuito de activar o mais possivel a implantação da Escola Moderna em S. Paulo, vimos solicitar de v. s. com amaior urgencia que for possivel, a devolução das listas a seu cargo juntamente com os donativos que puderem ter sido angariados.

E' intento do Comité tratar, nos principios do anno vindouro, da installação da Casa Editora annexa á Escola e que vai, necessariamente, preceder a para o preparo das edições de livros escolares segundo o programma da Escola Moderna.

Portanto é preciso reunir os donativos com toda a brevidade, para o que esperamos o apoio de v. s. que, certamente, conhece e aprecia o programma de ensino racionalista, calcado nos methodos pedagogicos mais modernos, e deseja contribuir para uma tão util e grandiosa instituição.

O patrimonio da «Escola» já se eleva a 12:000\$, mais ou menos, o que se poderá ver pelo balancete que estamos organizando para publicar e é preciso, para fechar o balancete com brilhantismo, que se eleve a 20:000\$, passo animador para alcançarmos os 80:000\$ ne-

cessarios para proseguir na fundação da «Escola».

Gratos, somos de v. s.

OCOMITÉ DA ESCOLA MODERNA.

N. B.—Todos os dinheiros da Escola Moderna estão depositados no Banco Francez e Italiano da America do Sul, antigo Banco Commerciale Italo-Brasiliiano.

As mentiras de sempre

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um capenga.

(Dictado popular).

Do Semeador, pequena revista protestante que em Portugal se publica, e a que já por vezes e por estas mesmas columnas tenho alludido, extracto e commento com a devida venia, o que abaixo segue:

«Os effeitos da obra de Christo — diz o hereje pasquim — são mesmo para o incredulo, indistinctivos e historicos. Ella (a obra) poz termo á crueldade, reprovou o suicidio, acabou com o infanticidio e obrigou as vergonhosas impurezas do paganismo a se occultarem numa escuridão congenial.

Quasi não ha uma classe — prosegue o heresiarca pamphleto — cujas miserias ella (a obra de Christo, não se esquegam) não tenha remediado. Salvou o gladiador, libertou o escravo (?), protegeu o captivo (?), elevou a mulher e envolveu numa innocencia sagrada os tenros annos da infancia.»

Como se vê, esta lenga-lenga do novo Oliveira e Silva é estupidamente sublime para quem não lhe conheça o fraco, mas encarada seriamente não passa duma gigantesca estatua de Nabucodonosor com cabeça de ouro e pés de barro, a quem facilmente e sem o menor esforço se reduz a pó.

A mentira é uma falta reprovavel; e desta falta é que eu accuso a protestantesca revista que se intitula Semeador.

E' uma abominavel mentira, um piedoso embuste dos tantos que os charlatães christãos costumam impingir, o dizer-se que o christianismo acabou com a crueldade. Para desmentir affirmação tão gratuita quanto temeraria, basta recordar a Inquisição com todo o seu horrivel cortejo de torturas cada qual mais requintada; a corda, o borzeguim, o cavallete, as tenazes, o fuelil, o chumbo derretido, o azeite a ferver, a fogueira, a forca, o machado do algoz e mil outros instrumentos de supplicios; basta recordar as sangrentas perseguições religiosas contra os dissidentes e demais perversidades christãs para certificar-se plenamente que o christianismo, longe de acabar com a crueldade, augmentou-a e requintou-a infinitamente.

O christianismo levou a crueldade a tal extremo, que desenterrava os cadaveres de pessoas ha muitos annos fallecidas para nelles saciar a sua furia sanguinaria, lançando-os ás fogueiras (Torres de Castilho, Cantú e La châtre).

O pagão Nero, tão cobardemente injuriado pelos miseraveis assalariados, escribas modernos ao serviço duma seita cruel e sanguinaria que a moment se desmorona e a que chamam christã nunca — que nós sabemos — instituiu Inquisição, essa negra mancha que synthetiza todo o passado do christianismo, isto é, 17 seculos de atrozes perseguições e horribes matanças, durante a quaes, no dizer de um escriptor protestante, — sem duvida mal amigo da verdade que o Semeador — foram rodados, queimados, enforcados, esartejados e mortos de mil outros diversos modos 50 MILHÕES DE SERES HUMANOS, e tudo isso em nome e para honra de Christo, cujo obra — diz o hereje folliculo — havia acabado com a crueldade!

Que miseravel sophisma!... «Mas isso não é christianismo puro — ponderam os protestantes — todas essas matanças e perseguições são obras do papismo e dos catholicos e não do puro christianismo.»

Contra estes novos sophismas erguem-se as vozes dos 72 mil entes humanos vilmente queimados e esartejados por Henri que VIII da Inglaterra; os dolorosos gemidos de 1 milhão de creaturas trucidadas por Cromwell os pavorosos ais de 50 mil infelizes perseguidos e exterminados por Isabel da mesma Inglaterra, os clamores de milhares de ba-

ptistas perseguidos e assassina- dos nos E. Unidos (1638-92); os gritos de 150 mil anabaptistas camponeses trucidados, queimados e espartilhados na Alemanha por instigação de Lutero e assec- clas; junte-se, enfim, a tudo isso as numerosas victimas de Calvino, de Guilherme Farel e comparsas na Suíça entre ellas Miguel Servet, Valentino Genili, Jayme Gmet e muitos outros ho- mens illustres, e assim se terá uma ideia do que era o christia- nismo puro e de como a obra de Christo acabou com a crueldade.

Derrubada assim a cabeça do Nabucodonosor protestante, pas- semos ao corpo e pés para igual- mente demolilos.

Afirmar que o christianismo libertou e protegeu os escravos, é um tão grande e piedoso embus- te que até o proprio Satanaz, apesar de o chamarem pai da mentira, se revoltaria em encon- trar assim um rival na arte de mentir. Com effeito, longe de liber- tar os escravos, o christianismo reforçou mais e mais as cadeias destes infelizes; as provas encon- tramo-las mesmo na Biblia (Exod. XXI, 21; Leviti. XXV, 44-45; S. Paul. aos Efesi., VI, 5; e a Timoth., VI, 1-2). Os israelitas, o povo eleito de Deus, possuíam milhares de escravos; os christi-ãos, que herdaram o Deus dos judeus, milhares e milhares de escravos possuíam. S. Pedro e S. Paulo eram escravocratas, e a prova disto é que elles exhorta- vam os escravos a que fossem submissos a seus senhores (1.ª de S. Ped., II, 17; e de S. Paul. a Tit., II, 9); do mesmo que S. Basilio, S. Boaventura, S. Thoma- z de Aquino e toda essa cafile de santos, que igualmente aconsel- havam a escravidão. (E. Araña, «A Escla. Anti. e Moder.», pags. 23, 24 e 25).

«A Igreja christã não aboliu a escravatura» (Strauss, «A Velh. e a Nov. Fé», pag. 130), nem os ecclesiasticos supprimiram a ser- vidão» (Cantú); pelo contrario, havia bispo que chegou a possuir até 20 mil escravos (Draper e E. Bossi).

Em vista dos testemunhos que acabo de citar, com que direito pretende o christianismo usurpar a gloria de ter acabado ou liber- tado os escravos, quando tal gloria pertence exclusivamente a alguns homens de sentimentos nobres e humanitarios e não ao christianismo sanguinario e escra- vocrata?

Seria acaso Lutero o liberta- dor dos escravos, Lutero, que dizia: «Entendo que todos os vilões devem morrer... Aos vilões revoltados não se deve a menor tolerancia, a menor misericordia? Mas o cynismo do Semeador vai além: elle confere ao christianismo as honras de ter salvado o gladiador, elevado a mulher, santificado o casamento e prote- gido a infancia, virtudes estas de que o impuro paganismo carecia completamente.

Senhor Semeador, repito-vos que o mentir é muito feio. Vosso christianismo, que «apparentemen- te venceu mas que realmente foi vencido pelo paganismo» (do ad- vogado e protestante Teixeira da Silva, «O Protestantismo antes de Lutero», pag. 6), salvou ou acabou, é certo, com os gladi- adores do circo, mas foi para substitui-los pelas touradas, pelos torneios, pelos duellos e pelos grandes e numerosos exercitos, que, annual de contos, não são mais do que enormes massas de gladiadores christãos, que, por qualquer questão de somenos im- portancia, se degladiam e truci- diam nos campos de batalha.

Pois que diremos da elevação da mulher e da santificação do casamento, quando é de todos sabido que Moysés manda que se lhe passe um atestado de di- vorcio, e S. Paulo ordena-lhe que se submeta ao homem como qualquer irracional domesticado? E além disso, como é que a cle- ricalia christã pôde falar em santificação de casamento, quando sempre viveu em concubinação?

Precisaremos, enfim, tocar na protecção á infancia, quando to- dos os historiadores ao falar do assumpto, são unanimes em afir- mar que todas as creanças recém- nascidas — producto das orgias dos frades e freiras nos conventos — eram lançadas aos rios!

Decididamente, o Semeador e seus illustrados colaboradores seme- iam muitas... piedosas inver- sões.

Barreto, 4 9 — 910.

JOSE MARTINS.

Do nosso archivo

Revolvendo os nossos papeis velhos encontramos a carta abai- xo, que nos foi dirigida pelo sau- doso padre Guilherme Dias:

«Bello Horizonte, 7 de abril de 1901:

A' Lanterna

Meus presadissimos collegas.

Permittam que o velho lutador os felicite a aperte ao coração pela vibrante e nobilissima propa- ganda, em que estão empenha- dos, com o louvavel fim de tor- narem, á luz da benedicta Lan- terna, conhecidos esses seres re- pellantos, que são a negação da doutrina de Jesus, de quem se dizem companheiros, e inimigos fígades do progresso e da civili- zação dos povos.

Na minha humilde Reforma já expressei o meu pensamento acer- ca dessa utilissima, e para mim providencial propaganda, no mo- mento em que esses corvos ne- gros pairam sobre todo este paiz. Nessa gente de má morte está synthetizado todo o espirito de odio contra a democracia; é, pois, contra ella que devemos empen- har a luta, que é o mesmo que empenha-la e feri-la contra a op- pressão moral, economica e poli- tica das nações.

Acceitem, pois, incondicional- mente o meu applauso e os votos que faço para que continuem até que vejamos por completo anni- quilado o clericalismo — «o ini- migo», na phrase do grande Gar- betta.

Collega e admirador

P. GUILHERME DIAS.

Pequenos ecos

Boas festas — Recebemos mais os seguintes cartões de boas festas: Sr. José Lignoretto e exma. familia, de Ribeirão Preto; sr. Tolledal Bitten- court e Branca Moreira Bitten- court, da cidade do Prata; sr. Fran- cisco Riccio, de Uberaba; sr. Chris- tiano Eloy, de Desterro; sr. Jorge Fernandes, de Limeira; sr. Francisco do Nascimento, tabellião em Sant' Ana do Sapucahy; sr. Manoel de Ara- ujo Ferraz e sra. Aspasia Ferraz, de Sertãozinho; sr. Benjamin Cruz, de Montenegro; sr. Francisco Nicolau, de Ribeirão Preto.

Nascimentos — O sr. Augusto Olym- pio de Moraes Guimarães e sua exma. esposa sra. Amelia Martins de Moraes Guimarães participaram do nasci- mento, em 18 de dezembro findo, do seu filhinho Oscar.

Felicidades ao recém-nascido. De Casimiro Cunha, o conhecido e estimado poeta ego, e de sua exma. esposa, residentes em Vassou- ras, recebemos participação do nasci- mento duma filhinha, que foi regis- trada com o nome de Delba.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

Grupos Espirita — Em Franca fundou- se um grupo espirita sob o titulo de «Grupo Espirita Esperança e Fé» e que já se acha funcionando em sua sede provisoria, sita á rua Tiradentes, 35, estando constituída a sua direc- toria da maneira seguinte: Presidente, José Marques Garcia; vice-presiden- te, Alfredo Miranda; secretario, Adol- pho da Cunha Barbosa; 2.º secreta- rio, Joaquim José Ferreira; thesou- reiro, Benedito Barbosa Sandoval; procurador, Adolpho de Assis; biblio- thecaria, d. Guilhermina Pinheiro.

editor. Registamos o novo assignante.

Serra Negra — Ignacio Triástão da Silva: Registamos o seu nome.

Jahú — Miguel de Zorio: Registra- mos o novo assignante.

Itatiba — E. Carraro: Recebi teu postal. Mande, sim.

? — L. R.: Infelizmente não pode- mos publicar a sua poesia intitulada: «A morte de Idalina», por ter vindo ella escripta em hespanhol. Falta-nos tempo para traduzir. Muito boa a sua ideia, que sentimos não poder apro- veitar.

Campinas — A. de Pinho: Registei o novo assignante. Todos bons. Trans- mitti as recommendações.

Dobrada — Durval de Moraes: Fi- zemos a transferencia da direcção a S. Carlos — C. Massé: Quando o viajante passar o amigo se entenderá com elle.

Mattão — José Cunha: Recebem o nosso postal? Esperamos a sua res- posta para providenciarmos.

Ribeirão Preto — Francisco Nicolau: Transferimos o endereço. Não temos os livros indicados.

Rio — A. R. Maças: Tomei nota dos novos agentes. Modifiquei a direcção. Recebi todos os papeis de que falas e publicamos uma nota a respeito.

Já foram remetidos para a rua do Senado. — Jango: Remetti os nume- ros perdidos. Todos como sempre. Já aqui está. Saudações de todos.

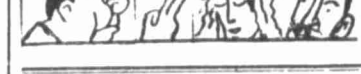
Myer: Recebi os 6\$ do R. dos Santos, 4\$ do Adriano, 3\$600 do Crite- rium, 360 rs. do Príncipe, 2\$ da Velhice, 5\$ do J. Rodrigues e 1\$600 do Livro O Grassini recebem a carta. O Rome- ro está fora. escreva-lhe p'raqui. Transmitti os recados.

Montenegro — Benjamin Cruz: Não sei bem de que lista falas. Escreva. Saudações de todos.

Curitiba — Roberto E. Nanjaks: O livro já foi remetido. Queira recla- mar no Correio e nos participar.

S. Roque — C. Negrelli: Seguiram as medalhas. Custam 20\$200.

Bebedouro — Francisco Velloso: O n. 66 esgotou-se completamente. Será anunciado o preço do folheto.



Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1\$000, pagando mais 200 registrada pelo correio.

A Escola Moderna em S. Paulo

AVISO IMPORTANTE

Tendo chegado ao conheci- mento do «Comité pró-Escola Moderna» que alguns individuos se tem aproveitado desta iniciativa para estorquir dinheiro de pessoas de boa fé, declaramos que só podem angariar donativos para esta obra as pessoas portadoras de listas de subscrição carimbadas e assignadas pelo secretario Leão Aymoré.

Aproveitamos o ensejo para pedir a todas as pessoas que possuem listas de subscrição o favor de as devolverem com a respectiva importancia ao thesou- reiro, sr. José Sanz Duro, Caixa Postal, 857.

O COMITÊ.

Liga Anticlerical Brasileira

Julgamos de utilidade continuar a publicar as bases da Liga Anticlerical, que poderão também servir para as Ligas que vão se for- mando em diversas localidades:

Desejando estabelecer os anti- clericais do Brasil o necessario vinculo moral para maior proveito e probabilidade maior de victoria na luta contra a nefasta e dele- teria preponderancia do clero na vida e nos destinos do povo, um grupo de intransigentes batalha- dores, inimigos acerrimos da bati- na — simbolo da treva e do mal — resolveu estabelecer em S. Paulo a Liga Anticlerical Brasi- leira, cujo proposito é este:

1.º Aggremiar todas as forças e todas as boas vontades decida- das a combater pela liberdade de consciencia.

2.º Promover por todos os meios a resistencia á invasão e assalto das congregações religiosas e do clero em geral.

3.º Combater todos os elemen- tos reaccionarios que, directa ou indirectamente, procurem cercar e limitar a liberdade.

4.º Procurar impedir que os padres e seus prepostos — os jesu- itas de calça — sejam incumbi-

dos da educação da infancia e da mocidade, que elles se encar- regam de embrutecer e fanatizar

5.º Afastar do confessorario — instrumento da dissolução e da immoralidade — as crianças e as mulheres.

6.º Auxiliar todas as iniciativas que se proponham desenvolver o ensino racionalista.

7.º Trabalhar para que sejam abolidos os privilegios que a im- previdencia republicana concedeu ao clero e dos quaes lança mão o mesmo clero tanto para justifi- car o avanço aos cofres publicos como para trazer ignorante e fan- tatico o povo que o acompanha.

8.º Buscar por uma activa propa- ganda oral e escripta, por uma constante e ininterrupta agitação, tendente a emancipar as conscien- cias, enfraquecer e eliminar, o mais breve possivel, o monstro clerical.

9.º Estreitar as relações com as sociedades congêneras de ou- tros paizes.

10. Agir com toda a energia e com os meios que as circumstanc- ias exigirem para impedir a entrada, neste paiz, de frades, freiras ou padres.

11. Batalhar incessantemente para obter que as escandalosas subvenções dadas pelos governos municipaes, estaduais e federaes, aos bispos e congregações, sejam supprimidas a bem do povo.

Recebemos desde já as adhe- sões de todo o paiz, que devem vir assignadas por extenso, e com a declaração do domicilio.

A quota mensal para occorrer ás despesas de secretaria e expen- dente, é voluntaria, sendo o mi- nimo 500 réis.

Em todos os logares, onde for possivel, os nossos correligionarios poderão estabelecer associações com as bases da Liga Anticleri- cal Brasileira, cuja cooperação moral e material será efficacissima para a realização do nosso des- tinerato.

Toda a correspondencia, até novo aviso, para a Liga Anti- clerical Brasileira, caixa posta n. 195 — S. Paulo.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espa- lhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazen- deiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabri- cante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Mar- tim Burchard, 146 — S. Paulo.

A Velhice do Padre Eterno

Extraordinaria obra do grande poeta Guerra Junqueiro, que trans- formou a sua penna brilhante em ferro em brasa a queimar desapie- damente a purulenta chaga clerical.

Este livro, que é considerado um dos mais ferozes contra a Igreja, mereceu uma excommu- nhação do Papa.

Custa 2\$000, franco de porte.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

Publicação editada pela Comissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

«A Lanterna» em Niteroy

A nossa folha é encontrada em Niteroy nos seguintes pontos:

Na Fonte Central das Barcas de Niteroy;

No Largo do Barreto, com o vendedor de jornaes;

Na Charutaria Viuva Vianna, rua dr. Marek, 17—Barreto.

Nas Neves, no ponto final dos bondes, com o vendedor de jornaes.

PUBLICAÇÕES

De propaganda anticlerical

Dott. Simon — «Viaggio umoristico attraverso i dogmi e le religioni.» 1\$.
Dott. Simona — «Nè dio, nè anima» 600 réis.

Guido Podrecca — «Monologi: Il cuore di un morto—Delinquente nato—Assassino! — Recluso volon- tario.» 600 réis.

Abele Dal Canto — «La Messa svelata» ovvero «La comedia clerigo —acrobatico—tragico—antropofago — teofago—pagana.» 1\$.

Gim — «Le Congregazioni religio- se (Quel che si è fatto— Quel che si resta a fare» (Publica- zione di straordinaria attualità). 1\$.

I Martiri del Libero Pensiero. — «Giordano Bruno» di Arturo Labriola. 1\$.

«Anio Paleario» di Abele Dal Canto. 1\$.

«Paolo Sarpi» di P. Picca. 1\$. —Enviem-se todas estas publica- ções de propaganda anticlerical pela quantia de 6\$ e mais a despe- za do registro.

Todos os volumes são de edição elegante, cartonação luxuosa e com illustrações originaes. Isso deve constituir a pequena bibliotheca de todo livre-pensador.

— Para ordens: — AGENCIA CHAVES—Caixa 510.

Acceitam-se revendedores no In- terior, fazendo-se um bom desconto.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustra- ções.

Neste livro é da historia a funda- ção e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremen- dos planos dos seus antigos com- panheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyo- la. Discripção clara e minuciosa dos meios empregados para do- minar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2\$000 franco de porte.

Gruta Criterium

Gran Restaurant-Bar

O melhor estabelecimento no genero

Ravioli-Talharins-Macar- rão a qualquer hora

Vinhos Barbera e Chianti finissimos

2, Largo do Rosario, 2

(Subterraneo do Palacete Briccola)

Bons queijos

Fabricam-se com o Coalho suíço em pó. — Drogaria Ber- rini, rua do Hospicio, 18 — Rio

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega- se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3\$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor- chefe: Gustave Hervé. Assignatura annual: 5\$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa. Assignatura annual: 2\$000.

A Aurora

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1\$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris. Assignatura annual: 2\$500.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendi- da avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada também á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Sello, rua Amador Bueno, 4, e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Emilio Navajas.

Em Guaraniã, com o sr. Gerardo Ziti.

Em Dois Córregos, como sr. Antonio Carlos de Souza.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

Nathanael Pereira, A Edu- cação Religiosa. . . \$200

Ex-padre Guilherme Dias, O que é o celibato. . . \$200

Pedro de Mello, Sonho Dantesco. . . \$200

Marco A. Dancetti, Giordano Bruno. . . \$200

Gorki, Os amassadores. . \$200

Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho. . . \$200

Motta Assumpção, O In- fanticidio, drama. . \$300

EM HESPAÑHOL

R. Chaughi, Inmoralidad del Motrimonio. . . \$100

J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población. . . \$100

M. Devaldès, Mathusia- nismo y Neo-Mathusia- nismo. . . \$100

Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia. . . \$100

A. Pellicer Paraire, El individuo y la masa. . \$100

C. S. Darrow, Crimen y Criminales. . . \$100

S. Faure, El Problema de la Población. . . \$100

A. Hamou, Compendio de la Historia del Socialismo. . . \$200

Opilação

Cura-se radicalmente com o Ankylostomida Philipp's.

Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

«A LANTERNA» NO RIO

Encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166;

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocío;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxe);

Na rua da Assembla, esquina da rua do Carmo, (engraxe);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.